



MALALA E A LUTA PELA EDUCAÇÃO DAS RAPARIGAS

Malala nasceu ao romper de um dia de 1997. É a primeira filha de Ziauddin Yousafzai e Toi Pekai. Vivem na grande cidade de Mingora, que se estende ao longo do profundo vale do Suate, no Paquistão. A casa onde moram fica mesmo em frente a uma escola para raparigas fundada por Ziauddin —a Escola Khushal.

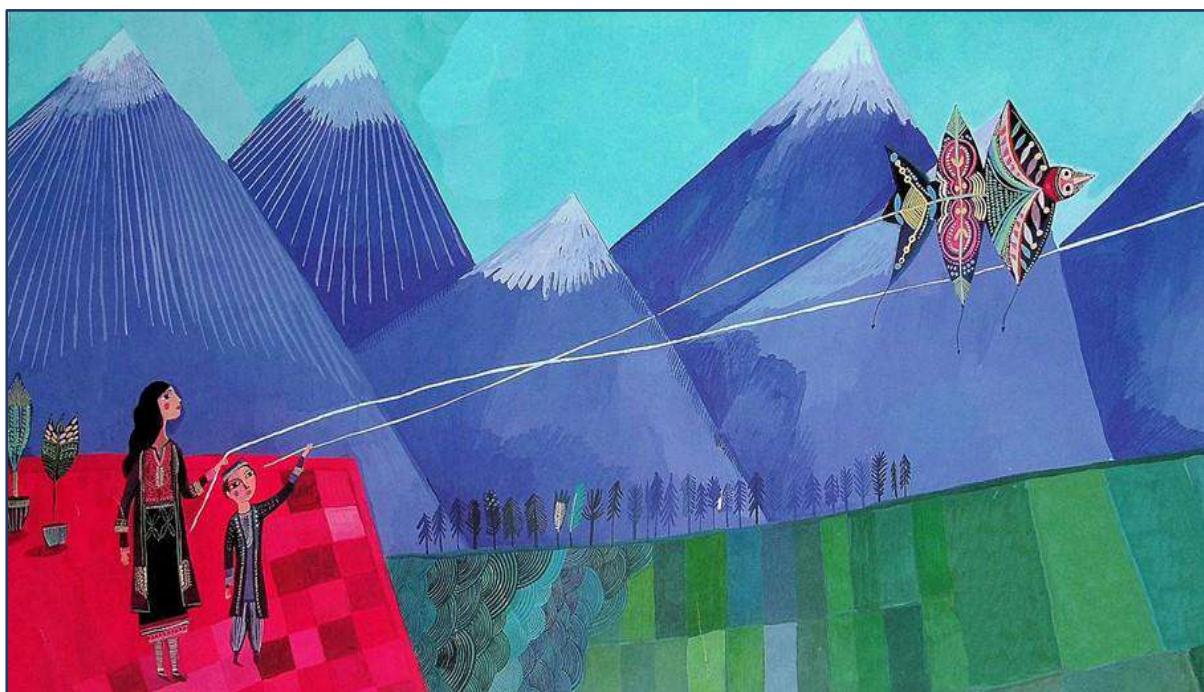
O pai de Malala não lamenta ter tido uma menina, como muito provavelmente muitos pais no Paquistão lamentariam. Ziauddin gosta muito do povo Pashto, a que pertence, mas não se identifica com algumas das suas tradições.

Ziauddin pede aos amigos e à família para atirarem frutos secos, doces e moedas para dentro do berço, como é hábito fazer-se quando nasce um rapaz.

Malala cresce a gostar do cheiro dos cadernos, que se espalha por toda a casa. Pouco tempo depois, nasce o primeiro irmão, Khushal, o nome da escola fundada pelo pai.

As duas crianças correm juntas pela sala, depois de as aulas acabarem, ou jogam às escondidas com os vizinhos. Sobem ao telhado para lançar papagaios e poem-se em bicos de pés para tentar tocar no céu.

Malala e Khushal ficam a contemplar a cidade, na direção do Monte Elum, onde a neve nunca derrete.



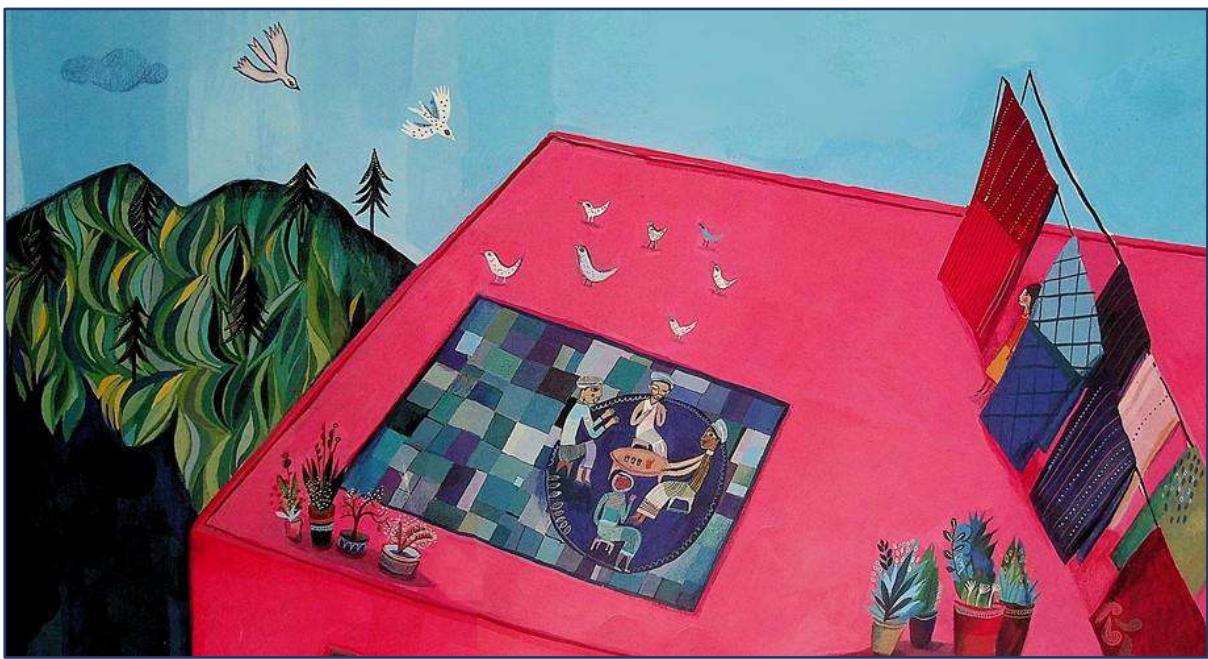
Malala adora a aldeia do avô, no topo da montanha, bem afastada da poluição que afeta Mingora. A água dos lagos e das cataratas parece de cristal, as nozes crescem em todo o lado e o mel é delicioso.

No inverno, as pessoas fazem ursos de neve.

No entanto, há coisas de que Malala não gosta nada, como, por exemplo, a história que se contava de Shahida, uma menina vendida a um homem velho e obrigada a casar-se com ele.

Nas montanhas habitadas pelo povo Pashto, ainda muito mais do que nas cidades, os homens são os únicos com visibilidade na sociedade e no mundo do trabalho, esperando-se das mulheres que se confinem ao lar e obedeçam aos homens.

A maioria das mulheres, como a mãe de Malala, não sabe ler nem escrever.



Malala gosta de subir ao telhado de casa em Mingora e de ficar a ouvir o ruído da cidade, o chilrear dos pássaros e as palavras do pai a conversar sobre política com os amigos, enquanto bebem chá de cardamomo.

Falam de como os Talibãs, um grupo político poderoso e violento, pegaram fogo a mais uma escola.

O pai de Malala e os amigos discordam veementemente do facto de os Talibãs veicularem aos alunos interpretações rígidas, conservadoras e intolerantes do Corão.

Acham-nos ignorantes e preocupam-se com os terríveis problemas que possam vir a causar.

Ziauddin troca muitas vezes ideias com a filha.

Malala está consciente da sorte que tem por poder conversar abertamente sobre estes assuntos com os pais.

A mãe adora uma canção Pashto que diz o seguinte:

Não mates as pombas dos jardins.

Se matares uma que seja, nunca mais nenhuma volta.

Malala fica a pensar no que isto quererá dizer.

No dia 8 de outubro de 2005, toda aquela região é sacudida por um violento tremor de terra, que devasta as aldeias na montanha.

Pouco depois, Malala apercebe-se de que há mais qualquer coisa que preocupa o pai. Um homem chamado Fazlullah, responsável pelo grupo Talibã local, tem feito ameaças: Fazlullah quer fechar a escola para raparigas que o pai de Malala fundou.

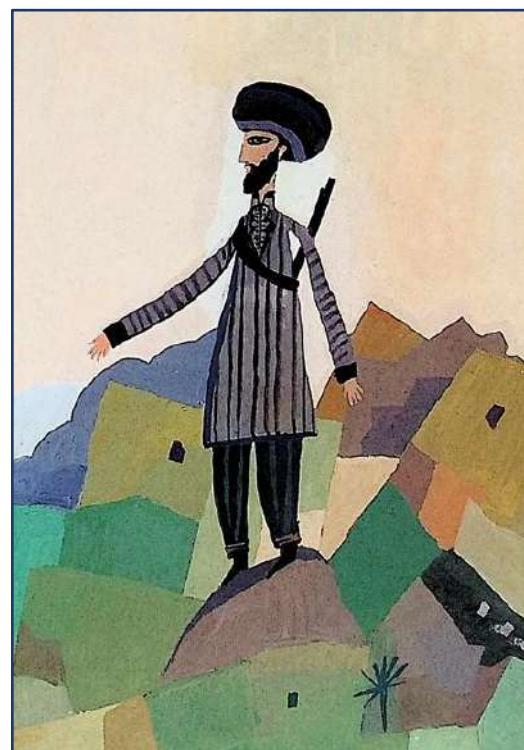
Tirando partido da tristeza das pessoas causada pelo tremor de terra, Fazlullah utiliza a rádio local e repete, sem cessar, que o tremor de terra foi provocado pelos seus pecados. Por isso, para que a situação melhore, deverão deixar de ouvir música e de ver filmes.

O pai de Malala está destroçado e recusa as ameaças à liberdade sob pretextos religiosos.

No entanto, a população fica em sobressalto. E se Fazlullah estiver a dizer a verdade? O medo começa a disseminar-se por todo o vale e algumas pessoas decidem queimar as televisões, os computadores, os leitores de CD e outros aparelhos. Para os Talibãs, porém, isto é insuficiente e exigem que outras ações sejam levadas a cabo.

As pessoas deixam de dançar. Os salões de beleza fecham. Os homens deixam de se barbear, porque os Talibãs exigem longas barbas. O uso da burca — veste feminina que cobre todo o corpo, da cabeça aos pés — passa a ser obrigatório. Os Talibãs patrulham a região e os seus membros detêm os desobedientes, que são chicoteados ou mortos se se recusarem a adotar as novas regras.

Ziauddin sente medo, mas, ainda assim, tem coragem para expressar a sua discordância. Mais. Autoriza a que a filha dê voz às suas ideias críticas num discurso com cobertura feita pelos jornais e pela televisão e no decurso do qual pergunta: “Com que direito é que os Talibãs me privam do acesso à educação?” Malala tem apenas onze anos.





No final de 2008, os Talibãs anunciam nova restrição: as raparigas ficam proibidas de ir à escola a partir do dia 15 de janeiro de 2009.

— Mas como é que nos podem impedir?

Malala está muito zangada. Os amigos também.

— Já foram destruídas centenas de escolas e ninguém fez nada!

Até que surge uma oportunidade. Malala é convidada para escrever sobre a educação das raparigas. O primeiro *post* do seu blogue, escrito sob o pseudónimo Gul Makai, é publicado no *site* da British Broadcasting Corporation.



Diário de uma estudante paquistanesa

Sábado, 3 de janeiro de 2009

Estou com medo.

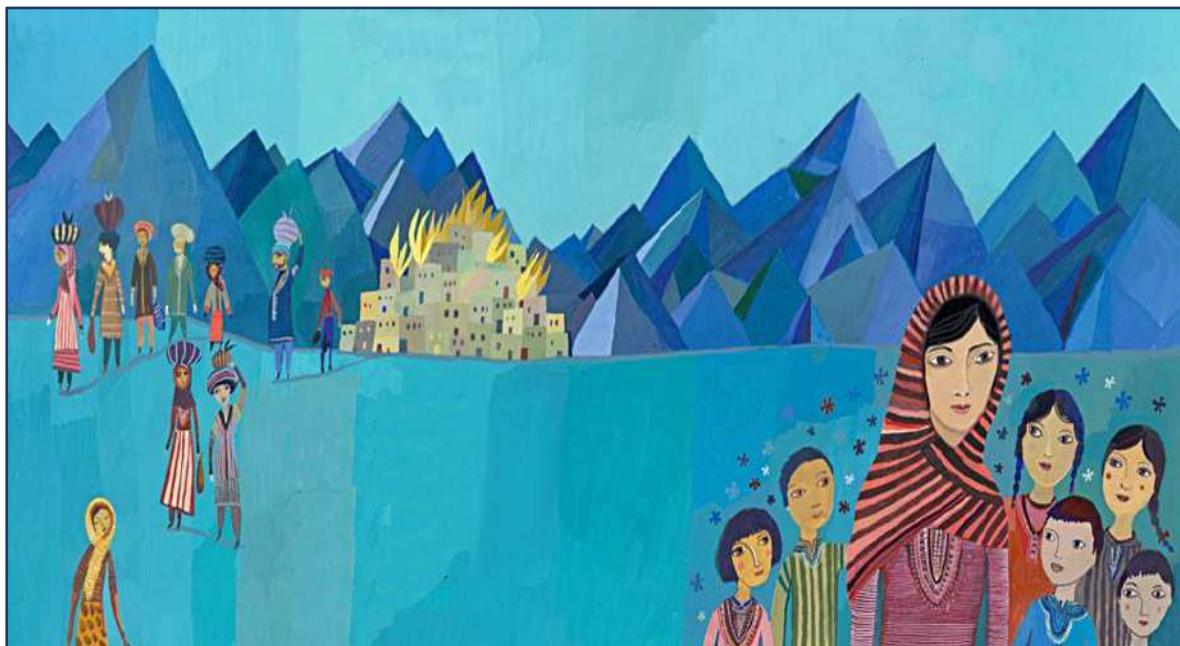
A noite passada, tive um pesadelo horrível com helicópteros militares e Talibãs...

As palavras de Malala não conseguem deter os Talibãs, que prosseguem para norte, usando de violência crescente. Apesar dos acordos de paz assinados entre o

governo paquistanês e eles, nenhum é efetivamente respeitado e os Talibãs continuam a recorrer à violência para controlar as pessoas. Um dia, chegam ao vale tanques e armas.

É o início da guerra.

Malala e a família têm de abandonar a casa e ir para a aldeia onde vivem os avós. Em três meses, passam por quatro cidades diferentes antes de conseguirem regressar a casa. Mingora está novamente destruída, mas os Talibãs já lá não estão.



Todos se empenham e as escolas são reconstruídas para assegurar a continuidade da educação de todas as crianças, incluindo as raparigas. Malala quer que toda a gente tenha acesso à educação.



Malala é escolhida para porta-voz da Assembleia Infantil ligada à Fundação Khpal Kor, que promove os direitos dos mais novos. É desta forma que Malala dá início ao seu trabalho enquanto ativista dos direitos das crianças. Acontece que os Talibãs não tardam em regressar ao vale.

As escolas voltam a ser destruídas e os defensores da liberdade, executados.

Malala não se deixa vencer pelo medo. Embora ainda não tenha feito catorze anos, o impacto das suas ações é já reconhecido em todo o país.

Continua a escrever no blogue e a lutar pelo direito das raparigas à educação. É convidada com frequência para dar palestras e recebe muitos patrocínios para a sua campanha. O governo paquistanês agracia-a, pela primeira vez na história do país, com o Prémio Nacional da Juventude para a Paz.

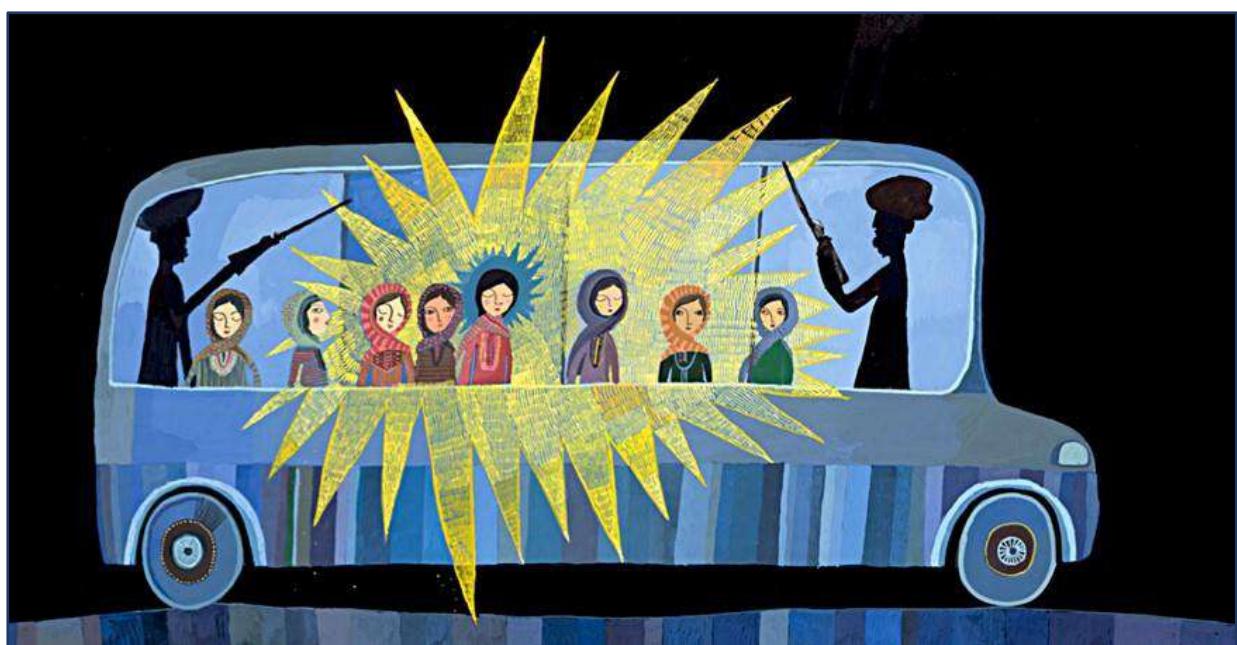
Em 2011, Malala cria uma fundação com fins educativos, para poder ampliar e aprofundar o seu trabalho.

Os Talibãs, contudo, não gostam das escolas de Ziauddin nem do ativismo de Malala e, por isso, começam a ameaçá-la e a toda a família.

No dia 9 de outubro de 2012, Malala está de regresso a casa, quando o autocarro escolar para subitamente.

Um homem berra ao motorista:

— Este é que é o autocarro da Escola Khushal?



Um segundo homem sobe para o autocarro e grita:

— Quem é Malala?

Ninguém responde, mas algumas alunas olham para a amiga. É evidente qual delas é Malala, a única, de entre todas, que vai sem lenço na cabeça.

Então, um dos homens dispara três vezes seguidas sobre Malala.

Começam todas a gritar. Há mais duas raparigas feridas e Malala cai no colo da sua melhor amiga. Entretanto, o motorista apressa-se a conduzi-las ao hospital mais próximo.

O presidente paquistanês, juntamente com outros políticos e muçulmanos famosos, condenam veementemente a tentativa de assassinato reivindicada pelos Talibãs. Malala está bastante mal e o pai lamenta não ter sido ele a vítima do atentado. Os médicos e o governo decidem, então, aceitar a oferta feita por um hospital em Birmingham, na Inglaterra, e Malala é transferida. Mas tem de ir sem o pai. Este não pode deixar a mãe e os irmãos no Paquistão, sozinhos. Seria muito perigoso.

Quando acorda em Inglaterra, Malala está, naturalmente, muito confusa, mas consegue falar com os pais ao telefone. Finalmente, a família consegue viajar e o quarto de Malala enche-se de cartas e presentes provenientes dos quatro cantos do mundo.



Depois de uma série de operações e de uma longa convalescença, Malala decide ir à escola em Birmingham. Não vai permitir que os Talibãs a façam desistir do seu sonho e continua a lutar pelo direito das raparigas à educação.

Há mais de cinco milhões de crianças no Paquistão, a maioria das quais raparigas, que não frequentam a escola primária. Malala sente uma profunda empatia pelas meninas de outros países — tais como o Afeganistão, a Nigéria e o Nepal — onde a educação das raparigas não é valorizada. Muitas pessoas acreditam que as mulheres devem ficar em casa a cuidar dos filhos, a cozinhar, a tratar da casa e a ir buscar água ao poço. Muitas vezes, as raparigas são forçadas a casar muito cedo. E, para muitas famílias, só os rapazes podem ter uma profissão.

Mas Malala discorda de todas estas ideias.

No dia em que Malala faz dezasseis anos, a 12 de julho de 2013, centenas de pessoas do mundo inteiro ouvem-na falar nas Nações Unidas, em Nova Iorque. Malala usa um lenço que pertenceu a Benazir Bhutto, a primeira-ministra paquistanesa que foi assassinada.

“Estou aqui para falar do direito das crianças à educação. Quero educação para todos os filhos e filhas dos Talibãs e de todos os terroristas e extremistas.”

No discurso, faz referência a Martin Luther King Jr., Nelson Mandela e Mahatma Gandhi.

“A pobreza, a ignorância, a injustiça, o racismo e a privação de direitos fundamentais são os nossos problemas mais graves.”

Fala também dos direitos das mulheres e da educação das raparigas.

“Noutros tempos, as ativistas sociais pediam aos homens para defenderem os seus direitos. Hoje em dia, fazêmo-lo nós mesmas.”

Os corações enchem-se de esperança e os olhos enchem-se de lágrimas.

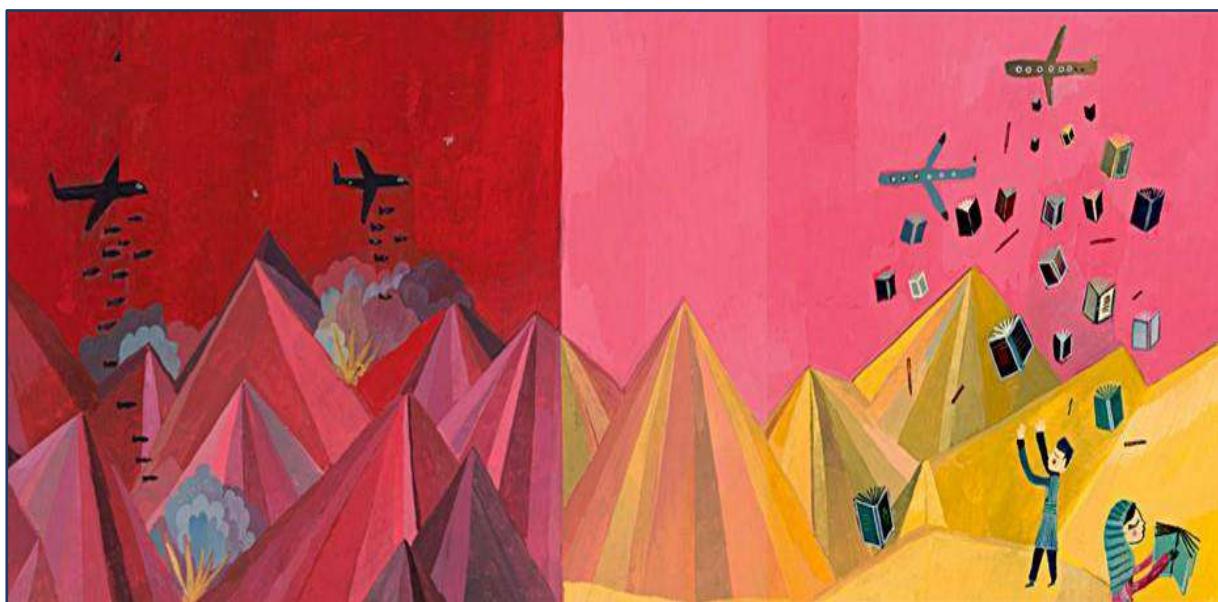
“Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo.”

No ano seguinte, aos dezassete anos, Malala recebe o Prémio Nobel da Paz, nunca antes atribuído a uma pessoa tão nova.

Mas o encantador Vale do Suate, onde florescem romãzeiras e figueiras, ainda não é livre. Malala e a família não podem regressar a casa devido às ameaças de morte. Continua a imperar o poder das armas, a ouvir-se disparos, a assistir-se ao rebentamento de bombas.

A guerra causa vítimas, muitas delas inocentes, em ambos os lados.

Malala fala com o presidente dos Estados Unidos sobre a situação, na esperança de que a paz regresse rapidamente ao Paquistão. Sonha com livros e cadernos e com o fim da guerra no seu vale bem-amado.



O Prémio Nobel da Paz dá-lhe uma projeção extraordinária.

Entre muitas atividades que desenvolve, visita os campos de refugiados sírios no Líbano e apoia projetos escolares na Nigéria.

Malala ficou conhecida no mundo inteiro desde que as Nações Unidas decretaram o *Dia de Malala* a 12 de julho de 2013 — o dia em que Malala completou 16 anos.

Nesse dia celebra-se, no mundo inteiro, o direito de todas as crianças a ir à escola e aprender a ler, a fazer contas, a conhecer o prazer da leitura. Em total liberdade.





A EDUCAÇÃO É UM DIREITO UNIVERSAL

“Queridas irmãs e irmãos, damo-nos conta da importância da luz quando estamos imersos em escuridão. Damo-nos conta da importância das nossas vozes quando elas são silenciadas. Da mesma forma, quando vivíamos no Vale do Guate, no norte do Paquistão, damo-nos conta da importância das canetas e dos livros quando víamos armas.”

[Excerto do discurso de Malala Yousafzai nas Nações Unidas, em Nova Iorque, a 12 de julho de 2013.]

E quando recebeu o Prémio Nobel da Paz, Malala disse:

“Dedico este prémio a todas as crianças sem voz que precisam de ser ouvidas.”



• MALALA YOUSAFZAI •

12 DE JULHO DE 1997

Malala Yousafzai nasceu em Mingora, no Paquistão, no seio de uma família muçulmana sunita de origem Pashto. O Paquistão é frequentemente palco de convulsões políticas devido à atividade de grupos extremistas, de que os Talibãs são um exemplo. É por isso que o direito à educação é muitas vezes negado às raparigas.

Malala e o pai desenvolveram ações no sentido de chamar a atenção para esta desigualdade. Malala, por exemplo, criou um blogue e escreveu sobre a violência dos Talibãs quando tinha apenas 11 anos. O governo paquistanês atribuiu-lhe o Prémio Nacional da Juventude para a Paz pelo alcance da sua ação social. Malala tinha 13 anos à época. Por causa do seu ativismo, os Talibãs quase lhe tiraram a vida: em 2012, depois de um dia de aulas e já de regresso a casa no autocarro escolar, Malala foi vítima de uma tentativa de assassinato, mas conseguiu sobreviver. Foi, de seguida, transferida para um hospital em Inglaterra, onde recebeu tratamento médico.

O nome de Malala é sinónimo de luta incessante para que as raparigas de todo o mundo tenham igualdade de oportunidades no acesso à educação. No dia em que completou 16 anos, a 12 de julho de 2013, dirigiu um apelo às Nações Unidas. Um ano mais tarde, recebeu o Prémio Nobel da Paz.

Atualmente, Malala vive com a família no Reino Unido. Continua a trabalhar como ativista e dá palestras com alguma regularidade nos Estados Unidos e um pouco por todo o mundo. Para Malala, é incontornável a referência a figuras históricas inspiradoras, como sejam Gul Makai, uma heroína do folclore Pashto, Malalai, uma heroína afegã, Mahatma Gandhi, o ativista indiano, Nelson Mandela, o defensor do anti-apartheid e o primeiro presidente negro da África do Sul, e Martin Luther King Jr., o ativista americano dos direitos civis.

Malala defende que só a educação e a igualdade de oportunidades podem derrotar o terrorismo e a violência. Segundo ela,

“Os extremistas têm medo dos livros e das canetas.”

Raphaële Frier
Malala: Activist for Girls' Education
Watertown (MA), Charlesbridge, 2017
(Tradução e adaptação)

Malala e a luta pela educação das raparigas

1. Quando e onde nasceu Malala?
2. A atitude de Ziauddin Yousafzai em relação ao nascimento da filha divergiu das tradições comuns do seu povo. Como?
3. Que aspetos da infância de Malala destacarias?
4. Descreve três restrições impostas pelos Talibãs que afetaram o quotidiano e a liberdade das mulheres e das famílias na região.
5. Explica a importância do blogue escrito por Malala sob o pseudónimo “Gul Makai” para a causa da educação das raparigas.
6. Relata as circunstâncias do atentado de que foi vítima em 9 de outubro de 2012.
7. Como reagiu a comunidade internacional a esse ataque?
8. No seu discurso nas Nações Unidas, em 2013, Malala referiu três figuras históricas que serviram de inspiração para a sua luta. Identifica-as.
9. O Prémio Nobel da Paz, que recebeu um ano depois, deu-lhe uma projeção extraordinária. De que forma?
10. Que valores defende Malala através da sua luta?
11. “Os extremistas têm medo dos livros e das canetas.” Concordas com esta afirmação? Justifica.
12. Alguma vez defendeste uma ideia, ou uma causa, importante para ti, apesar da discordância de outras pessoas? Se sim, descreve o que fizeste e sentiste nessa situação.